

O AGRIMENSOR

Alfonso Pacheco, um senhor de uns cinquenta anos, formado pela Politécnica Paulista no curso de Agrimensura. Pessoa distinta, correta de vasto conhecimento na área em que abraçou. Trabalhou em diversas empreiteiras da construção civil, como: Represas, barragens e estradas, e também fez muitos bicos em levantamentos topográficos, tais como: sítios, fazendas e loteamentos. Tinha uma equipe muito boa, como: ajudante de topografia, treineiros (puxador de trena), estaqueiros, (cravador de estacas), balizeiros, niveladores e outros tipos de ajudantes.

Alfonso, depois de morar muito tempo na cidade grande, aposentou-se e foi morar no interior do estado de Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Passos. Alfonso não quis mais saber de compromissos vinculados a patrões. Continuou fazendo bicos quando alguém o chamava para desmembrar uma área.

Certa manhã calorenta, Alfonso foi fazer uma caminhada pelas trilhas na zona rural de Passos; Calçou botas, luvas, facão, chapéu de aba larga, óculos para proteção dos olhos, câmera fotográfica e um celular simples para não ficar sem comunicação, mas, esqueceu-se do principal: pôr água no cantil. Foi justamente esse cantil que o levou ao desespero. Andou por alguns quilômetros, sem conhecer a área, e resolveu sentar-se num toco a beira do caminho, se abanando com o chapéu. Descansou por alguns minutos e resolveu seguir a caminhada. Logo adiante Alfonso avistou a certa distância, uma casinha simples que soltava fumaça clara pela chaminé. Parou, pensou e disse consigo mesmo: “vou pedir um pouco d’água naquela casinha”. Deu uma respirada profunda e falou: lá vou eu. Chegando à tal casinha, aquele silêncio!, gritou: “Ô de casa?” demorou alguns minutos e apareceu na janela um senhorzinho, armado com uma espingarda Pica-pau de carregar pela boca, acompanhado de sua mulher, uma senhora de cabelos grisalhos que esse senhorzinho a chamou de Benê. Alfonso perguntou: Como o senhor se chama? Aquele silêncio por alguns minutos.

- Pruquê? Qualé a curiosidade moço? Que faz vosmecê por aqui?

Sempre apontando a espingarda na sua direção.

- Afonso respondeu: Sou da paz, quero apenas um pouco d’água para eu beber e por no meu cantil.

- Tá bão então; entre, sente nesse banquinho e gritou: Benê Traz água para o moço.

Enquanto Alfonso aguardava a água, espiava na parede, rude, alguns quadros (Santa Ceia, fotografias, folhinhas (calendários) de Santo) aí, perguntou de novo: Como o senhor se chama?.

- Eu chamo Natalino, praquê moço?

- Só queria saber. O senhor tem filhos? Estou vendo naquele quadro, mostrando com o indicador, que o Senhor tem cinco filhos; onde estão?

- O mais véio é o Henrique, está na lida, o do meio é o Pedro, também tá na lida e depois ia pescar. Aquele outro é o Bastião; esse não quer saber da nada, tá na lida só acompanhando os irmãos. Aquela é a Vera, casou e mora na cidade, vez em quando ela traz meus netos para ver a gente. A outra morreu novinha (Mal de Simioto). Apressa Benê, o homem tá com pressa e com sede.

Alfonso bebeu água do poço, fresquinha, encheu o cantil e se despediu da família, prometendo voltar mais vezes e com mais tempo. Na saída apareceram uns cachorros latindo para ele que logo foram contidos pelo Natalino e pela Dona Benê.

Alfonso seguiu sua caminhada, retornando para sua casa. A cada tempo, fazia uma paradinha, dava uma olhada na paisagem e falava: “Que área boa para fazer um condomínio”. Só sonho mesmo, pois, dinheiro só para manter os filhos na faculdade.

Alfonso fez amizade com o Seu Natalino e com a dona Benê e, de vez em quando ia visitá-los com sua esposa Dona Mercedes levando alguns presentinhos, e, em troca ganhava produtos da roça, como: mandioca, ovos, farinha, seriguela, araticum e algumas laranjas cidra. Seu Natalino e Dona Benê sempre os esperavam com um franguinho (galeto) e uma gostosa polenta na pedra, e como sobremesa deliciosos bolinhos de chuva.

Assim termina essa estória que fez novas amizades.

(Por José Rosa Coelho - Monte Mor)